

“Impossível” uma medida unilateral

Da sucursal de
BRASILIA

O presidente da Volkswagen do Brasil, Wolfgang Sauer, considerou ontem, em Porto Alegre, que “é impossível” o Brasil declarar uma moratória unilateral de sua dívida externa, pela reação que causaria em todo o mundo. Ressaltou, porém, estar convicto de que, dentro de seis a oito meses, o problema da dívida já estará solucionado, mediante renegociações com os credores. Previu, também, que a inflação este ano chegará a 160 ou 170%, mas sofrerá uma “queda brutal” a partir do final do ano, quando já estarão assimilados pela economia fatores inflacionários como a retirada dos subsídios ao petróleo e produtos alimentícios e as enchentes no Sul.

Em entrevista, após participar de uma reunião do Conselho das Câmaras de Comércio Brasil-Alemanha, no Hotel Plaza São Rafael, o presidente da Volkswagen comentou: “O que precisamos agora é cabeça fria, um pouco de folga e muita confiança”. Salientou, ainda, que, após resolver a questão da dívida externa, o Brasil poderá retomar o crescimento econômico: “Não vai ser um crescimento violento; vai ser um crescimento muito devagar, muito bem controlado, muito bem planejado, mas o Brasil tem todas as oportunidades de, a médio prazo, sair desse buraco”.

MEDIDA SERIA IRREAL

Para Wolfgang Sauer “a moratória unilateral, hoje, é impossível”. “O Brasil é a oitava economia do mundo, estamos interligados com tudo. Numa moratória unilateral, não pode sair mais um navio brasileiro, nem

um avião brasileiro, porque, no primeiro país que parar, é pego. Tem de ser um acordo. Eu acho que todo mundo entende isso. Moratória é uma idéia totalmente irreal. Porque, numa moratória declarada unilateralmente, é animal livre... Se sai propriedade do Brasil, você pode pegar em qualquer porto, em qualquer aeroporto. Tem de ser, um acordo entre os dois lados. E eu acredito que vai haver renegociações em que as duas partes vão chegar a um acordo. Esse é o caminho que o governo brasileiro está seguindo e estou pessoalmente convencido de que vai ter resultado.”

Sobre as perspectivas da inflação para os próximos meses e 1984, o presidente da Volkswagen do Brasil comentou: “Meu amigo, eu ainda não aprendi a ler numa bola de cristal. Eu esperava que, este ano, fôssemos ficar mais ou menos no nível do ano passado. Mas não se deve esquecer que a inflação teve um impacto muito grande com o cancelamento dos subsídios de petróleo e alimentos e já está tendo um impacto enorme com o desastre (as enchentes) no Sul. Ela vai ficar em 160, 170%, por aí, mas acredito que, no fim do ano, a inflação vai ter uma queda brutal, porque os subsídios cancelados, já estarão mais ou menos mastigados e também os aumentos da alimentação realizados pela falta de produção”.

Sauer entende que o Decreto-Lei nº 2.045, que reduz os reajustes salariais, não será rejeitado pelo Congresso, pois isso seria “um fator muito negativo no comportamento da inflação”. Considerou que “cada coisa tem uma parte positiva e outra negativa e também esse decreto”. “Positivo, nele, é que os aumentos de

faixa de produtividade não existem mais. Produtividade só pode ser distribuída quando há, e não havia. O lado negativo é que, certamente, haverá uma redução no poder de compra. Mas todos nós temos de fazer uma participação inicial para que a curva da inflação caia. Se a curva de inflação cai, então realmente esse decreto-lei vai ser positivo.”

O presidente da Volkswagen do Brasil comentou, também, as declarações atribuídas ao presidente em exercício, Aureliano Chaves, de que a fórmula do FMI aplicada indistintamente a todos os países, sem considerar as peculiaridades de cada um, não deverá mais funcionar. “Eu não sei o que consta no contrato do FMI com o Brasil. Mas, certamente, cada economia é diferente e eu não posso acreditar que o FMI seja um órgão tão pouco experiente que ache que o que aplica num determinado país pode aplicar também em outro, completamente distinto. Cada país tem uma problemática diferente. O problema do México é diferente do nosso. Eu acho que o FMI, seguramente, tem bastante flexibilidade em considerar os pontos claros, definidos, originados na finalidade de cada país.”

“BOBAGEM”

Por sua vez, o presidente da Siemens do Brasil, Helmut Vervuert, que também participou na capital gaúcha da reunião do Conselho das Câmaras de Comércio Brasil-Alemanha, afirmou que “moratória unilateral é bobagem”. “Entre parceiros que devem cooperar durante muito e muito tempo, a gente não faz coisas unilaterais. A gente sempre tem de negociar para chegar a um acordo entre as partes.”